



# UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DO RESGATE DA FUNÇÃO TERAPÊUTICA RELIGIOSA ATRAVÉS DAS PRÁTICAS DE CURA<sup>1</sup>

THE RELIGIOUS THERAPY PRATICS AND ITS IMPORTANCE

Débora Cristina Diógenes Andrade

## RESUMO

O texto trata de uma breve reflexão sobre a função terapêutica da religião, função esta que sofreu uma ruptura com a revolução cartesiana. A medicina clássica assumiu seu lugar e a função da religião passou a ser a busca da salvação, não cabendo mais à religião o trabalho terapêutico. Nos dias atuais, esta função terapêutica da religião está sendo resgatada. A esperança de viver saudável e a busca pela cura estão levando um número cada vez maior de pessoas a buscar, na religião, a cura de suas doenças e dos seus males psicológicos. Os movimentos religiosos, através de seus ritos, oferecem um apoio social e psicológico, proporcionando o resgate do homem com o divino, ajudando as pessoas a identificar suas aflições e suas desordens, e a ativar um processo de reorganização interna e uma elaboração de seus sofrimentos. O sagrado é inerente ao homem e, se este homem é um ser biopsico-socioespiritual, é necessário e imprescindível que a religião resgate a sua função terapêutica, no intuito de proporcionar um restabelecimento da sua saúde física, psicológica e espiritual.

**Palavras-chave:** religião; saúde; doença; sagrado; cura.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem o intuito de proporcionar uma breve reflexão sobre a importância do resgate da função terapêutica religiosa através das práticas de cura realizadas nas mais diversas religiões na contemporaneidade. Essas foram sendo

---

<sup>1</sup>Trabalho elaborado como parte da avaliação da disciplina: Religião e Religiosidade, ministrada pelo professor Dr. Orivaldo Pimentel Lopes Júnior, no Programa de Pós-Graduação em ciências sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no semestre 2007.1.

colocadas em segundo plano, a partir do desenvolvimento da medicina clássica, mas jamais esquecidas como alternativa, se a saúde do indivíduo está ameaçada.

Quando a saúde encontra-se debilitada é comum nos sentirmos fragilizados e assustados, dependendo da gravidade da doença. Por mais simples que seja uma enfermidade ela leva a uma reflexão sobre o cuidado da saúde e da qualidade de vida. Chega-se mesmo a encarar a debilidade como “determinativa de um mal” ou uma punição. Estar doente remete automaticamente à busca da cura do corpo e do espírito, tendo como uma das fontes terapêuticas, desta cura, a oração e, conseqüentemente, a religião (TERRIN, 1998).

As práticas de cura da Antigüidade tinham suas bases de referência na religião. Isto nos conduz a perceber que a questão da saúde sempre esteve intrinsecamente ligada ao sagrado. Ao longo dos tempos, a cura foi praticada por curandeiros populares, guiados pela sabedoria tradicional. As cerimônias de cura envolviam usualmente uma intensa relação entre o curandeiro e o paciente e eram freqüentemente interpretadas em termos de forças sobrenaturais canalizadas através do divino (ACHTERBERG, 1996).

A relação entre saúde e religião passou a sofrer uma ruptura com a revolução cartesiana. Antes de Descartes e do desenvolvimento da medicina, os terapeutas se voltavam para a interação do corpo e da alma, tratando os seus pacientes, levando em conta seus aspectos sociais e espirituais, considerando todo um contexto esotérico, mágico e religioso.

Segundo Capra (1982, 260), em contraste com a concepção mecanicista cartesiana, a visão de mundo que está surgindo a partir da física moderna, também denominada sistêmica, encara a saúde como um fenômeno multidimensional, que envolve aspectos físicos, psicológicos e sociais, todos interdependentes.

Essa nova perspectiva lança um resgate da relação entre a religião e a medicina, ponto este que até então configura o “mau relacionamento entre ciência da natureza e ciências do espírito” (TERRIN, 1998, p.198).

## **2 RELIGIÃO, MEDICINA E SAÚDE**

Resgatar a relação entre religião e medicina é perceber a saúde num contexto de unidade entre o corpo, a mente, o espírito e o ambiente, visão esta proposta pela religião desde a Antigüidade, quando a saúde tinha o sentido de salvação.

Saúde e salvação são termos co-originários, ou melhor, nasceram de um mesmo conceito e partilharam por muito tempo à mesma sorte e um mesmo significado geral, que acabou cindindo-se bem mais tarde. Trata-se do significado sânscrito de *svastha* (= bem-estar, plenitude), que depois assumiu a forma do nórdico *heil* e, mais recentemente, *heil*, *whole*, *hall* nas línguas anglo-saxônicas, que indicam “integridade” e “plenitude” (TERRIN, 1998, p. 154, grifos do autor).

A definição de saúde vai muito além do que significar apenas ausência de doença. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a definição de saúde reconhece que se manter saudável se deve a uma completa interação entre o bem estar físico, social e espiritual. Nesta definição se legitima o aspecto espiritual como essencial para a manutenção da saúde.

Faz-se necessário também observar os aspectos psicológicos do adoecer, que devem ser minuciosamente analisados. Observar a relação entre a patologia e os aspectos psicológicos da doença é um passo importante em relação ao restabelecimento da saúde. Conforme Terrin

em qualquer doença está em questão o homem enquanto tal e nela se esconde variáveis psicológicas, sociológicas e espirituais, ligadas ao sentido subjetivo de viver num determinado ambiente e num particular contexto social e com determinados problemas pessoais. (TERRIN, 1998, p. 202).

A própria visão da psicologia, a partir do final da década de 60, do século passado, começou a dar ênfase à percepção dos aspectos espirituais do homem. A psicologia transpessoal, considerada a quarta força na psicologia, percebe o homem em seus aspectos biopsicossocioespirituais, interligados em uma rede social e cósmica. Considerando e estudando profundamente as experiências espirituais, buscando analisar as conexões dessas experiências com os aspectos psicológicos do ser humano. Tem como objetivo estudar os estados alterados de consciência e dar ênfase ao restabelecimento da relação do homem com o Divino.

Sem demasiado esforço, a religião contribui indubitavelmente muito para a saúde mental, ao oferecer ao homem a segurança, o

sentimento de estar ancorado no Absoluto. E estranhamente algo de comparável acontece em qualquer genuíno processo de psicoterapia. Pois embora o psicoterapeuta, como tal, não tente nem deva influir na vida religiosa de seu paciente, um dos subprodutos de um bom tratamento psicoterapêutico é o restabelecimento no homem de um vínculo com a divindade (NEEDLEMAN, 1982, p.149).

Observar o homem como um ser biopsicossocioespiritual vai além da visão da psicossomática que surgiu no século passado, quando Heinroth criou a expressão em 1918. Contudo, o movimento foi consolidado em meados deste século, com Alexander e a Escola de Chicago. O modelo psicossomático leva em consideração apenas a interação corpo e mente, não dando ênfase aos aspectos sociais e espirituais (MELO, 1992).

Para que a visão científica se consolidasse em sua autoridade máxima, era necessário renegar a visão religiosa. O aspecto religioso da cura foi relegado, mesmo que muitos casos considerados incuráveis pela medicina tenham sido curados e reconhecidos como milagre. Segundo Siegel (2006), “todas as curas são científicas, embora a ciência ainda não seja capaz de explicar exatamente como ocorrem os inesperados milagres”. Milagres estes que deixam sem respostas a concepção analítica e médica, que não leva em conta os aspectos étnicos, culturais, sociais e simbólicos.

Segundo Terrin (1998, p. 209), “para poder perceber melhor as diferenças entre as duas concepções, uma analítica e médica e a outra social e simbólica, os antropólogos médicos introduziram a distinção entre *disease* e *illness*”. (grifos do autor).

*Disease* não leva em consideração a cultura, mas sim é uma representação do modelo médico no qual as doenças são classificadas em suas categorias fixamente preestabelecidas, enquanto *illness* considera as experiências culturais e a percepção do paciente.

Essas diferenças de percepção acabam remetendo à diferença de conceitos sobre doença pelas antigas e novas religiões. Sobre esses diferentes conceitos, Terrin propõe agrupá-los em quatro tipologias em relação à compreensão que as antigas e novas religiões têm da saúde e da doença (TERRIN, 1998, p. 210).

A primeira é a concepção sistêmica da saúde que converge para o conceito de energia. A via do *Nirmānakāya* Tibetano. Refere-se ao mundo das religiões

antigas e modernas, como a medicina chinesa, a tibetana, a *ayurvédica*<sup>2</sup> e a corrente da Nova Era. Esse conceito leva em consideração os princípios da relação macrocosmo/microcosmo e a interdependência entre o corpo e a mente. A saúde é percebida como uma resultante de um equilíbrio da energia do corpo e a influência do ambiente. A doença é fonte de desarmonia e desequilíbrio entre o corpo e a natureza, entre as forças energéticas internas e o ambiente externo.

A segunda se refere à concepção mental que deriva do poder incontável da mente – o *Sambhoga Kāya*. Esta concepção enfatiza que a mente tem o poder sobre a saúde e a cura. A religião, através do discurso e de seus rituais, tem poder de proporcionar ao doente uma maior confiança e fé na sua cura. A crença tem o poder de influenciar no estado mental e conseqüentemente no estado de saúde do doente. Isto indica também que o estado mental implica na manifestação da doença. Antes da doença se manifestar no corpo físico ela se configura mentalmente.

A terceira é a denominada concepção anímica da saúde – o *Dharma Kāya*. A vida Dármica da visão Tibetana, na qual as respostas estão ligadas a distúrbios psíquicos e a possessões cuja cura só é possível por meio de exorcismos, mantras<sup>3</sup> ou hipnose. A esses tipos de técnicas é dado o nome de *Healing* que se refere à cura mediúnica e à cura pelo exorcismo (TERRIN, 1998, p. 223), curas essas já citadas no Novo Testamento:

Eis os sinais que acompanharão os que houverem crido: em meu nome, expulsarão demônios, falarão novas línguas, pegarão serpentes com as mãos e se, beberem algum veneno mortal, este não lhes causará mal algum, imporão as mãos a doentes e este serão curados (NOVO TESTAMENTO, Marcos 16. 17, 18).

A quarta concepção é totalmente espiritual da doença e da saúde. A fé plena ou a conquista da *Budidade* como *Sanatio Segura*. Enfatiza alguns movimentos religiosos, como *Chistian Science* (ciência cristã), as *Healing Churches* (Igrejas de

---

<sup>2</sup> A medicina Ayurvédica, existe há mais de 5.000 anos, afirma que a saúde humana é o resultado de seu equilíbrio com a natureza e consigo mesmo (entre corpo, mente e espírito). Tem origem na Índia e seu nome vem do sânscrito, significando “Ciência da vida” (AZEVEDO, 2005, 232).

<sup>3</sup> O Mantra é uma combinação de sons pronunciados em voz alta, ou mentalmente, usados para se atingir específicos estados alterados de consciência. Tem sido observado que esta técnica meditativa pode induzir as extraordinárias mudanças cognitivas (geralmente estados alterados de consciência) e mudanças na tonicidade muscular (relaxamento físico).

cura) da África ocidental e a Cientologia<sup>4</sup>. Para *Chistian Sciense*, o mal, o mundo, a morte, as doenças não são reais. A única verdadeira realidade é a espiritual, é Deus. Para as *Healing Churches*, a oração e os ritos têm a função da cura. Existe todo um rito de transformação, expurgação e purificação. São voltados para o carisma da cura pela invocação do Espírito Santo. Por fim, a *Cientologia*, que tem sua combinação no modelo da ciência cristã com a “saúde da mente”. Faz um agrupamento dos três princípios fundamentais: psique, mente e espírito. (TERRIN, 1998, 227).

Ao observar os movimentos religiosos, se percebe que as concepções de saúde vão do realismo médico clássico, passando por uma visão sistêmica e, por fim, atingem uma visão idealística e transcendental. Cabe aqui questionar sobre esta necessidade de se chegar a um estágio metafísico. Será essa necessidade uma forma de reconhecer a doença, a velhice, o mal e a morte como verdadeiras ilusões que a mente é capaz de criar, uma realidade que não se consegue perceber devido às limitações do ser humano ou esta necessidade é uma estratégia de auto-sabotagem para não se encarar a realidade da finitude? Há vários mecanismos para não encarar a realidade das limitações, da velhice e da morte. A negação é um desses mecanismos.

Todos esses rituais religiosos de cura têm sua base na prática milenar do xamanismo, o mais antigo e o mais difundido método de cura. O xamanismo é uma filosofia de vida muito antiga, que visa ao reencontro do homem com os ensinamentos e fluxo da natureza, e consigo mesmo. É um conjunto de ensinamentos milenares que, através da tradição de tribos indígenas, vem sendo passado até os dias de hoje.

Segundo Eliade (1998), a palavra xamã significa “homem inspirado pelos espíritos”. O conceito popular de xamanismo está relacionado à prática de tipos de cura não relacionados à medicina clássica, sendo revisto hoje pela visão holística de saúde.

---

<sup>4</sup>A Cientologia é um sistema de crenças fundado em 1952. A Cientologia assegura que a sobrevivência do homem depende de si mesmo, de outras pessoas e da sua interação com a comunidade cósmica.

É interessante se fazer uma reflexão em relação à postura rígida da medicina clássica positivista em rever os seus conceitos, os quais são verdades absolutas e incontestáveis, negando firmemente os aspectos do espiritual e do sagrado em relação à cura e a saúde. Em contraponto, a religião renegou por um tempo o aspecto da cura e agora vem tentando resgatar o seu espaço através dos rituais de cura e libertação. Cabe à religião resgatar o seu espaço relacionado à prática da cura, espaço que antes era concedido a ela e que aos poucos foi se perdendo, cabendo-lhe a religião o aconselhamento e as promessas de salvação não mais no sentido de saúde e plenitude, mas no sentido de salvação da alma e a promessa do paraíso.

Wilber (1995) adverte que, entre os grandes problemas para uma visão integral do humano estão os rebatimentos e simplificações operadas nas relações entre ciência e espiritualidade. Antes de ter um sentido mágico ou místico é atual e científico reencontrar, na base original da ciência médica, um cuidar físico, emocional, mental, social e espiritual, bem como é imprescindível resgatar na religião a prática da cura.

O homem é um ser incansável em busca de crescimento, realizações e de superação a cada dia. Não ocorrendo essas realizações, o homem tende a voltar-se para a busca da saúde (TERRIN, 1998, 259).

A esperança de viver com saúde e a busca pela cura, talvez sejam os aspectos primordiais do ser humano. Ser saudável está acima de todas as outras aspirações, chegando a compensar até mesmo os mais difíceis problemas que se pode deparar durante toda uma vida. Pode ser problema de ordem física, pessoal, afetiva ou social.

Na busca pela saúde impera o culto ao corpo, a consciência de uma alimentação balanceada e a procura de hábitos saudáveis. Além do que, o imperativo é viver intensamente os instantes mágicos e efêmeros de felicidade; não importa que artifícios sejam usados para o momento de prazer que se esteja vivenciando.

São vários os mecanismos utilizados para manter a satisfação deste viver. Entre eles está a negação da morte e da doença, realidades que se evitam até mesmo falar sobre elas na sociedade ocidental. Passa-se a vida negando a morte. O

homem mergulha na busca de suas realizações, de seus projetos como se estivesse “ligado no automático”; dessa forma não se tem tempo ou espaço para entrar em contato direto com seus conflitos, medos e a consciência de sua finitude. Vivem como se fossem seres eternos e esses conflitos inconscientes, muitas vezes, geram problemas psicológicos graves que levam o indivíduo a se aniquilar. Perceber-se doente tornou-se sinal de derrota, sinônimo de improdutividade, de incapacidade e conseqüentemente de exclusão social.

Diante desta condição, o homem pós-moderno se utiliza de todos os meios para manter íntegra sua saúde física e psicológica. Entre as alternativas existentes podem ser citadas a acupuntura, a homeopatia, as psicoterapias, a massoterapia, a aromoterapia e a musicoterapia, entre outras. Todos os artifícios que possam retardar o envelhecimento e se manter belo, pois a beleza é um reflexo de jovialidade e de uma vida saudável.

Em contraposição, aqueles que se sentem inutilizados pela doença, ou por seus males psicológicos restam-lhes as instituições médicas com seu arsenal tecnológico; é o “mercado da saúde que tem efeitos inquietantes, pelos aspectos éticos e sociais nele presentes” (TERRIN, 1998, p. 267).

Além dos espaços médicos, uma parte da população procura caminhos alternativos, como forma de resolução dos seus problemas. Um desses caminhos são os espaços religiosos. A religião também é vista como um sistema de apoio e conforto à população que carece de ajuda, apoio psicológico, necessidade de reintegração social e a possibilidade de se religar com o divino.

Em todos os tempos e nas mais variadas culturas, os rituais de cura, nas diversas religiões, são uma prática constante, podendo-se afirmar que há uma necessidade do homem em buscar, através do divino, a cura para seus males do corpo e da alma.

Os movimentos religiosos, através dos rituais de cura e libertação, oferecem hoje um apoio social, psicológico e emocional àqueles que chegam para os cultos e celebrações. O indivíduo encontra não só uma celebração, um culto, mas sim, um apoio incondicional para aquele sofrimento que o assola. Neste momento de acolhimento, ele passa a sentir-se protegido, mais seguro. Alguém está ali, pronto para lhe escutar, para aconselhar como se libertar do mal, para ajudá-lo a curar-se



dos males do corpo e do espírito. Neste momento, o amor incondicional, acompanhado de um trabalho de resgate da auto-estima deste ser que se sente muitas vezes desvalorizado, desolado e sem esperanças é fundamental para que ele possa sentir-se seguro e restabelecer-se psicologicamente.

Nesses rituais de cura e libertação, os fiéis aprendem a identificar melhor suas aflições, a perceber mais suas desordens, conseguem ativar um processo de reorganização interna para, assim, terem uma melhor elaboração de seus sofrimentos, de suas angústias e incertezas, promovendo um melhor redirecionamento de suas vidas e de seus objetivos.

Durante os ritos, a atividade inconsciente do homem moderno não cessa de apresentar inúmeros símbolos e cada um tem uma mensagem a transmitir, uma missão a desempenhar, tendo em vista assegurar o equilíbrio da psique.

Para Eliade (1992), a igreja, o templo, traz a idéia de santidade. A porta da igreja é um rito de passagem; é no interior do recinto sagrado que o mundo profano é transcendido, tornando possível a comunicação com os deuses.

Através dos espaços sagrados, as pessoas são atraídas pelas promessas e possibilidades de cura e libertação das doenças do corpo e da alma, e acabam buscando na religião a solução exemplar de toda crise existencial. A solução religiosa não só pode resolver a crise, mas ao mesmo tempo torna a existência aberta a valores que já não são tão contingentes, nem particulares, permitindo assim ao homem ultrapassar as situações pessoais e, no fim das contas, alcançar o mundo espiritual. Na raiz de cada religião está a experiência do mistério, a experiência de Deus. A partir dessa experiência vem a fé.

A fé só tem sentido e é verdadeira quando significa resposta a experiência de Deus, feita pessoal e comunitariamente. Fé é então a expressão de um encontro com Deus que envolve a totalidade da existência, o sentimento, o coração, a inteligência, a vontade. Os lugares e os tempos deste encontro transformam-se em sacramento (BOFF, 1994, 18).

A fé religiosa é o alimento que dá à vida a esperança de dias melhores e ajuda a enfrentar as experiências mais dramáticas do cotidiano, possibilitando um melhor ajustamento à estrutura modernizante do capitalismo selvagem.

Assim, a religião dá todo um sentido à doença, à cura e à saúde. Neste contexto, percebe-se a necessidade de relacionar as práticas religiosas com a saúde, como alternativa e forma de enfrentamento dos problemas.

### **3 REFLEXÕES FINAIS**

Hoje, pode ser percebida a influência que as práticas religiosas exercem sobre um número significativo de pessoas ao observar-se os rituais de cura e libertação nas diversas religiões. Seja nos Cultos Evangélicos, na Renovação Carismática Católica ou nos Centros Espíritas, as pessoas estão resgatando o sagrado nas manifestações e rituais das práticas religiosas contemporâneas.

O sagrado é inerente ao homem. Em sua essência, ele busca a religião com Deus. Esta religião é o sentir-se salvo, pleno e saudável. Não cabe mais à religião cuidar apenas da salvação da alma e deixar para a medicina a salvação do corpo. Se o homem é um ser biopsicossocioespíritual, é imprescindível que a religião resgate o seu lado terapêutico através dos rituais de cura, contribuindo significativamente para o restabelecimento da saúde física, psicológica e espiritual do ser humano.

## REFERÊNCIAS

- ACHTERBERG, Jeanne. A. **A imaginação na Cura**. São Paulo: Summus, 1996.
- AZEVEDO, Cláudio. **Órion: Filosofia, Religião e Ciência; Volume 2: Sobre o Homem**. Rio de Janeiro/São Paulo/Fortaleza: ABC Editora, 2005.
- BOFF, Leonardo. **Mística e espiritualidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ELIADE, Mircea. **Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MELLO, Julio. **Psicossomática hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- NEEDLEMAN, Jacob. **No caminho do autoconhecimento**. São Paulo: Novos Ubrais, 1982.
- SIEGEL, Bernier. **Amor, medicina e milagre: a cura surpreendente de doenças graves nas palavras de um médico-cirurgião**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2006.
- TERRIN, Aldo Natale. **O sagrado off limits: a experiência religiosa e suas expressões**. São Paulo: Loyola, 1998.
- WILBER, Ken. **O paradigma holográfico**. São Paulo: Cultrix, 1995.